

## **O PERFIL GERACIONAL DOS ALUNOS DE HOJE – REPTO À EMERGÊNCIA DE NOVAS TEORIAS EDUCATIVAS**

**Nelma Patela**

Professora de Português do Ensino Básico e Secundário

Doutorada pela USC

### **Resumo**

O presente artigo pretende apresentar uma breve descrição dos perfis das diversas gerações, desde o início do século XX, a saber: *Babyboomers*, *Geração X*, *Geração Y*, *Geração Z* e *Geração Alpha*. A nossa pesquisa tem por objectivo tentar compreender o público com o qual nos fomos, vamos e iremos confrontando, enquanto docente. Antes de atentarmos em cada um, parece-nos pertinente tentar compreender os traços comuns mais relevantes do público com quem desenvolvemos a nossa *praxis*. Na procura de uma resposta possível para os problemas decorrentes da massificação do ensino, o conhecimento dos principais traços das gerações mais recentes conduz-nos, então, à busca de teorias educativas que permitam ir ao encontro dos perfis e dos estilos de aprendizagem genéricos dos alunos da actualidade. É neste contexto que destacamos duas teorias com as quais nos identificamos: o Conectivismo e o B-Learning.

**Palavras-Chave:** Perfis geracionais (*Babyboomer*, *X*, *Y*, *Z* e *Alpha*); Conectivismo; B-Learning.

### **1 - A sociedade do século XXI**

Para quem nasceu e viveu uma parte significativa da sua vida no século XX, o novo milénio parece corresponder às prefigurações dos filmes de ficção científica: as mudanças ocorrem a um ritmo alucinante, não apenas graças às novas tecnologias – que implicam novos saberes e novos modos de saber – mas a toda uma conjuntura de novas sociedades e novos paradigmas. Viver no século XXI implica adaptar-se a uma sociedade cada vez mais abrangente, mais europeia e mundial: é assumir-se como cidadão do

mundo. É estar num ponto do planeta e receber um órgão vital de alguém que se encontra nos antípodas, é dar início a revoltas através das redes sociais.

A Terceira Vaga de Toffler, ou seja, a ‘Era da Informação’, já cedeu o lugar a uma ‘Quarta Vaga’ relacionada com biologia, biotecnologia, informação, sustentabilidade e meio ambiente. Para este autor, o sucesso neste novo milénio só se compreende desde que sejam adoptadas práticas sustentáveis, quer com a sociedade quer com o meio ambiente. Cremos que este pensamento vem ao encontro do de Carneiro (2008), que analisa o contexto axiológico da ‘Educação Intercultural’ à luz dos conceitos de Ética, Valores, Sociedade e Cultura de Convivialidade. O autor desenvolve o tema ‘Aprender a Viver Juntos’, um dos quatro pilares das novas aprendizagens para o século XXI, propostas em 1996 pela Comissão Internacional para a Educação no Século XXI, no relatório que, sob a presidência de J. Delors, foi apresentado pelo UNESCO – *Educação: um Tesouro a Descobrir*. Do estudo de Carneiro (2008), importa-nos destacar as implicações pedagógicas de uma didáctica da interculturalidade, num momento em que tudo orienta a formação do ‘eu’ para ser um cidadão em toda a plenitude do termo, exercendo consciente e activamente o seu papel em sociedade, tendencialmente mais abrangente.

A actual crise económica que o mundo atravessa aponta, cremos, para esse caminho: só com uma consciência de um todo universal atingiremos o equilíbrio. Preferimos, todavia, o conceito de ‘Quarta Vaga’ a que Gardner (1993) se refere, chamando-lhe de ‘Inteligência’. Na verdade, o conhecimento torna-se cada vez mais precíval, desactualizado. A dificuldade de se conciliar os conteúdos teóricos que a escola ensina com as exigências do mercado de trabalho é notória. Então, mais do que debitar conhecimento, importa criar condições para o desenvolvimento das capacidades do indivíduo para se adaptar, para que possa ir construindo novos conhecimentos e para os integrar no seu *background*. Em síntese: a sua capacidade de aprender a aprender constante e continuamente.

Sendo nós docente, questionamo-nos, pois:

### **1.1. Que paradigma educacional para os tempos actuais?**

Na modernidade, o sistema assenta(va) na repetição; agora, na pós-modernidade, sobretudo com o advento da internet, “o projeto sobrepõe-se à memória, o futuro domina o passado, os modelos são constantemente postos em causa. É o primado da génese sobre a estrutura.” (Carneiro, 2004, p. 13). O autor defende que o novo paradigma é o da

Sociedade Educativa, numa época que classifica como “segundo Iluminismo” devido aos novos modos de conhecer e de participar. Referindo-se aos ‘Quatro Pilares da Educação’, Carneiro sublinha a demanda pela sabedoria que sempre esteve na linha de horizonte do ser humano e advoga uma educação que assente na “sabedoria das sínteses, [n]a correcta sinalização dos fins e [n]a detecção do fio-de-Ariana que garante segurança à (...) aprendizagem” (Carneiro, 2004, p. 14).

Quanto a nós, esta imagem do fio de Ariana – ou de Ariadne – afigura-se-nos como a exemplificação perfeita do conceito de educação, um fio dado com e por amor, que conduz, que guia, indica o caminho, num labirinto avassalador de informação dispersa, esgotando um manancial de possibilidades, o processo de procura, tendo em conta um vasto leque de caminhos e passagens dispostos confusamente no labirinto em que se encontra a informação. Lembremos a paideia grega e o conceito de *arete*, que visa uma educação holística, não se restringindo ao ideal de força, destreza e bravura, mas complementando estas características com valores como a astúcia e a nobreza de espírito que transparecem “na forma integral do Homem, na sua conduta e comportamento exterior e na sua atitude interior” (Jaeger, 1995, p. 24). Daí que, de acordo com este autor, a propósito do termo *paideia*,

‘não se possa evitar o emprego de expressões modernas como civilização, tradição, literatura, ou educação; nenhuma delas coincidindo, porém, com o que os gregos entendiam por paideia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global. Para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez’. (Idem, p.1)

Esta é deveras uma visão ‘inovadora’ – apesar de tão antiga – visto que não é comum incorporar “civilização, tradição, literatura, ou educação” num só termo, num conceito único em toda a sua multiplicidade. Cremos que este pensamento se encontra sistematizado no conceito de ‘tesouro a descobrir’ defendido por Delors (1998), em que o ‘aprender a ser’, já anteriormente assinalado no Relatório Faure (1972), confere significado à vida. Claro está que os três outros pilares são igualmente fundamentais, uma vez que (i) ‘aprender a conhecer’ implica, hoje mais do que nunca, disciplina e exercício mental no acesso, gestão e selecção da informação; (ii) ‘aprender a fazer’ é indispensável para permitir a cada um enfrentar e solucionar os problemas que vão surgindo, nomeadamente associados às constantes mutações no mundo do trabalho; e que, (iii)

‘aprender a viver juntos’ é um pilar que deve ser inabalável, numa sociedade que se pretende evoluída, que tem de caminhar no sentido da sustentabilidade.

As grandes transformações no mundo do trabalho assim como o avanço das tecnologias e *media* vêm fomentar profundas alterações no acesso à informação, nas relações sociais e em todas as instituições. As mutações ininterruptas e profundas registadas nos últimos anos têm originado, por um lado, impasses e perplexidades, por outro, reacções inéditas que provocam movimentos prospectivos, mas também, por vezes, retrospectivos. De forma contraditória, assistimos à estagnação e à inovação. Tal como no mundo helénico, emergem visões antagónicas da mudança – a mudança, ora como ilusão dos sentidos, de acordo com o pensamento de Parmênides, ora como tensão geradora da evolução no entender de Heráclito. No percurso evolutivo dos últimos tempos, deparamo-nos com diferentes gerações cujas atitudes e posicionamentos assumidos nos levam a reflectir sobre a oscilação que caracteriza o ser humano, movendo-se entre a estagnação e a inovação.

Entendemos que é função da escola acompanhar as novas realidades, num trabalho de constante reflexão, nomeadamente na tentativa de determinar, ou não, ‘qual o conhecimento mais válido’ e, conseqüentemente, o ‘que’ e o ‘como’ ensinar. Dito de outro modo, é tarefa da escola definir, a partir das directrizes tutelares, o *curriculum* a seguir, e quais os processos didácticos mais adequados para fazer face aos novos desafios da sociedade do século XXI, uma vez que,

‘em todos os lugares, e não apenas na escola, o programa institucional declina. E essa mutação é muito mais ampla que a simples confrontação da escola com novos alunos e com os problemas engendrados por novas demandas. É também porque se trata de uma mutação radical que a identidade dos atores da escola fica fortemente perturbada, para além dos problemas específicos com os quais eles se deparam. A escola foi um programa institucional moderno, mas um programa institucional apesar de tudo. Hoje, somos “ainda mais modernos”, as contradições desse programa explodem, não apenas sob o efeito de uma ameaça externa, mas de causas endógenas, inscritas no germe da própria modernidade’. (Dubet, 2011, p. 299)

Torna-se claro que estamos perante um declínio daquilo que se tinha como certo em termos de pedagogia(s), o que nos parece natural, tendo em conta que, para diferentes

gerações, serão desejáveis diferentes formas de educar. Ao invés de reproduzirmos o sistema educativo no qual fomos educados, propomos tentar compreender quem é e como pensa, como interage este ‘novo’ público escolar com quem lidamos diariamente.

## **1.2. As diferentes gerações (séculos XX e XXI)**

Do constante questionamento, da observação de uma forma de estar, de se relacionar e de acessar à informação dos ‘nossos’ alunos, resulta uma pesquisa que aqui apresentamos, ainda que empiricamente, por se basear no contacto com conceitos difundidos no mundo da sociologia, da publicidade e do marketing, nomeadamente *online*. Se os profissionais de publicidade investigam o(s) perfil(s) do(s) público(s) para melhor ‘vender’ os seus produtos, cremos que é importante atentarmos nos seus estudos, na medida em que podem contribuir para caracterizar o pensamento dos professores que tivemos, dos alunos que fomos, daqueles que temos e dos que, eventualmente, teremos. Apoiamo-nos em Neto (2010, p. 12), para legitimar esta nossa incursão no universo da ‘catalogação’ geracional:

‘muitos dos atuais professores nasceram num tempo em que a televisão era o principal meio de comunicação e que, como tal, provocou muitas mudanças em vários aspectos da vida em sociedade. Esses mesmos professores convivem hoje com crianças e jovens que estão, quase todo o tempo, numa realidade tecnológica e virtual muito mais avançada do que aquela que eles experimentaram em sua trajetória: internet, celulares, telecomputadores, iPods, videogames com gráficos magníficos, vídeos e televisores com alta definição e 3D, games jogados em rede na internet, redes sociais, etc. É natural que estas diferenças provoquem a emergência de problemas, desencontros e desafios que obrigam um permanente reinventar da formação e do trabalho docente. Neste processo de reinventar o trabalho docente, frente às novas realidades humanas e tecnológicas, torna-se interessante identificar algumas das características das diferentes gerações que se encontram nas salas de aulas, da educação básica e do ensino superior, e também nos espaços de educação não-formal.’

Neste contexto, tentamos aqui apresentar, em traços genéricos, as principais características das diferentes gerações que os sociólogos catalogam, do último século até

aos nossos dias, salientando não as divergências entre os autores mas antes os pontos comuns, uma vez que o nosso objectivo é contribuir para uma visão geral das gerações que ora interagem: a dos professores que tivemos, a nossa, a dos alunos – os que tivemos em início de carreira, os actuais e, possivelmente, os futuros. Na verdade, as divergências entre os autores que apresentam estudos sobre esta matéria não são significativas e têm sobretudo a ver com as datas em que se pode situar determinada geração. Tal apresenta-se, para nós, pouco relevante: em Ciências Humanas, nomeadamente no campo da Sociologia, as datas são um pouco vagas, uma vez que as mudanças não ocorrem com datas precisas, como acontece, por exemplo, com as descobertas científicas, guerras. Para caracterizar as três principais gerações do século XX, orientamo-nos pela proposta de Santos, Arinte, Diniz, & Dovigo (2011), segundo a qual os *Babyboomers* são as pessoas nascidas entre 1948 e 1963; a Geração X, pessoas nascidas entre 1964 e 1977; e a Geração Y aquelas que nasceram entre 1978 e 1994.

### **1.2.1. Os Babyboomers**

Após o final da IIª Guerra Mundial, assiste-se na sociedade ocidental a uma explosão demográfica conhecida como o *Baby Boom*. As pessoas que integram esta geração, nascida entre meados da década de quarenta e meados dos anos sessenta do século XX, são conhecidas como sendo os *Babyboomers*. A grande inovação, nesta época, é a televisão, que permite uma visualização mais realística dos acontecimentos. Aliás, tal como acontece hoje, muitas crianças crescem tendo este objecto por companhia, e podem assistir a eventos culturais que fazem do planeta uma aldeia universal. Cabe aqui referir o conceito de *Glocalização* (Robertson, 1994), um termo resultante da fusão dos termos globalização e localização, usado para designar a presença da dimensão local na produção de uma cultura global. Deste modo, a homogeneização que decorre da globalização transforma-se em heterogeneidade ao ser incorporada na diversidade cultural e local.

Essas pessoas, na sua juventude, vivenciam de uma forma mais próxima, graças à televisão, os assassinatos de John F. Kennedy, de Robert Kennedy e de Martin Luther King; assistem em directo à primeira ida do homem à Lua, ao drama da Guerra do Vietname, aos movimentos pela libertação sexual e pelos direitos civis. Testemunham a Guerra Fria, o caso *Watergate* seguido da renúncia do presidente Nixon. A nível europeu, a coroação da rainha de Inglaterra, o casamento de Rainer no Mónaco, as guerras coloniais e a construção da CEE também são vistos ‘em directo’. O mundo torna-se uma

aldeia universal em tempo real, ao vivo. Nasce uma franca sensação de proximidade de factos e lugares até então tidos como distantes. De acordo com Neto (2010, p. 15)

‘a geração *baby boomers* sofreu a forte influência da Tv em seu processo educacional e de percepção do mundo. A imagem passou a ter uma importância ainda maior na construção das estruturas de pensamento; a linearidade começou a ser rompida com o surgimento do controle remoto, que permitia o zapping, algo realmente agradável para nossa mente que não é linear, mas pensa por saltos e conexões, vai e volta ao mesmo tema, divaga.’

Esta geração é também a primeira a fazer um intervalo entre a infância e a idade adulta, valorizando o período da adolescência, casando e tendo filhos mais tarde do que o habitual. No segundo parágrafo da introdução da sua obra, Willetts (2011) afirma que esta é uma das gerações menos egoístas:

‘the boomers, roughly those born between 1945 and 1965, have done and continue to do some great things but now the bills are coming in; and it is the younger generation who will pay them. We have a good idea of what at least some of these future costs are the cost of climate change, the cost of investing in the infrastructure our economy will need if we are to prosper, the cost of paying pensions when the big boomer cohort retires, on top of the cost of servicing the debt the government has built up. The charge is that the boomers have been guilty of a monumental failure to protect the interests of future generations.

The baby boomers have concentrated wealth in the hands of their own generation.’

Efectivamente, os *Baby boomers* envolvem-se arduamente em protestos pacifistas, numa luta contínua contra a injustiça, a favor dos direitos humanos, da emancipação feminina, dos direitos das crianças e dos animais. A reconstrução do mundo é para esta geração uma prioridade; o trabalho e sucesso profissionais são fulcrais, e é comum passarem 30 a 40 anos numa mesma empresa, o que se traduz numa certa segurança.

### 1.2.2. A Geração X e a Geração Y

A geração seguinte, denominada de *Geração X* por Strauss & Howe (2000), abrange os nascidos entre meados dos anos sessenta e finais de anos setenta; tendo imensos pontos comuns com a geração anterior e com a que se lhe segue (*Geração Y*): é uma geração que se situa no seio de uma transição social, o período que vai do declínio do imperialismo colonial à queda do Muro de Berlim, associado ao fim da Guerra Fria. É a geração do movimento *hippie* e da revolução sexual, que assiste ao surgimento do computador e que se sente à vontade com a tecnologia. Por se assemelharem, optamos por unir estas duas gerações num só ponto.

De facto, apesar de não haver consenso a respeito do período da *Geração Y*, é comumente aceite que se refere às pessoas nascidas nas duas últimas décadas do século XX. Para Engelmann (2009)

‘a Geração Y é representada por pessoas que nasceram a partir de 1977 e que estão chegando aos ambientes de trabalho. Esta geração, também conhecida com “Generation Why”, é aquela que, enquanto você lê este artigo, está se divertindo com jogos eletrônicos, onde os estímulos e a necessidade de ação são rápidos e onde não existe uma “resposta certa”.

Cada nível do jogo apresenta novos desafios e situações nunca vivenciadas antes. Eles cresceram usando a Internet e surpreendem com informações inesperadas sobre os mais variados temas. Adoram celular, e-mail, MSN, blogs, torpedos que parecem escritos em código.

Pesquisas mostram que a nova geração adora atenção, tem foco no curto prazo e acredita na mudança constante. Não aceita bem regras pré-estabelecidas e considera natural trocar muitas vezes de trabalho’. (§ 3 e 4)

De acordo com Boschi (2013):

‘Nascidos entre 1977 e 1997, a Geração Y é a primeira leva de jovens totalmente imersa na interatividade, hiperestimulação e ambiente digital. Dinâmicos, ‘anteados’ e familiarizados com diversas tecnologias, podem se envolver em vários projetos ao mesmo tempo, denotando gosto por novidades e pouca paciência para atividades de longo alcance’. (§ 1)



Muitos destes jovens são filhos da *Geração X* e netos dos *Babyboomers*. Esta é considerada a geração do computador, das facilidades, da globalização. É, aliás, denominada por alguns *Babyboomers* e elementos da *Geração X* como *Geração Rasca*.

Trata-se de uma geração que acredita piamente em construir carreira e na educação formal; muitos dos seus elementos dedicam-se fortemente a isso considerando que o prosseguimento de estudos é garantia de estabilidade e desafogo financeiro. Tal contribui para que se tornarem ousados, almejando qualidade de vida, investindo num mercado de trabalho competitivo, diremos quase que agressivo. São ainda adeptos fervorosos dos videojogos e dos editores de textos, onde o erro é facilmente corrigível, ‘apagável’. Ao referir-se a esta geração, Rollot (2012, p. 2) afirma

‘passionnée para la web et les technologies, réticente à s’investir dans l’entreprise mais prête à travailler sans fin si le projet la motive, ouverte sur le monde, la génération Y est une énigme pour les 40-60 ans qui exercent aujourd’hui le pouvoir. Là où ils ont fini par accepter les frustrations nées d’un chômage endémique, leurs enfants et petits-enfants revendiquent le droit à la mobilité (...) ils sont confrontés aux questions d’une génération qui veut comprendre *tout* ce qu’on lui demande. La génération Y est celle du questionnement (en anglais, Y se prononce comme *Why*, pourquoi) et de la remise en question d’une société incapable de maîtriser ses mutations.

En cela, le Y est bien sûr un jeune, mais un jeune bien différent des générations conquérantes de l’après-guerre ou résignées des années 80. Oubliant les critiques dont eux-mêmes étaient l’objet, ces générations reprochent pêle-mêle aux Y leur nonchalance ou leur désengagement politique.’

É de destacar, segundo o autor, não apenas a paixão pelas novas tecnologias da informação, mas também o peso da motivação que permite trabalhar intensamente, revelar grande empenho nas tarefas.

Desde os primórdios dos anos oitenta, autores como Toffler (1995) e Castells (2002) apregoam que as mutações sociais nos conduzem ao que denominam de sociedade da comunicação, que é mediada pelos novos dispositivos electrónicos, proporcionando modificação, nomeadamente, na forma como lemos; ler num suporte digital permite, por exemplo, estabelecer hiperligações que o livro dificulta. Tal proporciona imensas

possibilidades: às relações de contiguidade, opõe-se a livre organização de fragmentos indefinidamente manipuláveis, uma vez que é possível o leitor anotar, copiar e até mesmo enriquecer um texto. É o que acontece, por exemplo, com a *Wikipedia*, que pode ser visitada e editada por qualquer pessoa, num processo simples que permite a qualquer pessoa contribuir para os conteúdos de uma página Web, num processo de trabalho colaborativo em constante expansão e aprimoramento.

Ferreira (2003, p. 6) afirma que:

‘a Internet é mais do que uma rede mundial de computadores que se comunicam, permitindo uma maior interatividade do que, por exemplo, a televisão. A Internet permite uma relação local - global muito mais próxima e mais constante, mas condicionada pelos aspectos socioculturais dos contextos em que se insere e dos sujeitos que a utilizam. A Internet vai além de uma tecnologia que permite o acesso à informação e onde os sujeitos são meros usuários.’

Contudo, também sublinha que "a informação não é automaticamente sinônimo de conhecimento, mas resultado de um processo de aprendizagem dinâmico, e experiência de uma construção individual" acrescentando que a internet traz em si "o potencial de tornar-se *kommen werden*, de vir a ser, enquanto algo a se realizar no futuro, nossa primeira esfera pública global, um meio pelo qual a política pode tornar-se participativa" (p.7). Este recurso poderosíssimo deverá, então, ser largamente tido em conta nos projectos educativos daqueles que nasceram num período em que a sua presença quotidiana é incontornável. Reproduzimos, por nos parecer bastante claro, o quadro-síntese apresentado por Neto (2010, p. 13):

GERAÇÃO	BABY BOOMERS	X	Y
Ano de nascimento	1946-1964	1965-1978	1979-1992
Acontecimentos que marcaram a geração	Final da Segunda Guerra Mundial	Movimento hippie e a revolução sexual	Revolução tecnológica
Principais ideais	Reconstruir o mundo	Lutar pela paz, liberdade, anarquismo	Globalização, multiculturalidade e diversidade
O trabalho é...	A principal razão da vida	O que paga as contas	Satisfação do desejo de consumismo
Média de tempo nas empresas	30 a 40 anos	10 a 15 anos	8 anos

Figura 1- Quadro comparativo entre as gerações Baby Boomers, X e Y

### 1.2.3. A Geração Z

*Geração Z* é a terminologia que os sociólogos atribuem à geração seguinte, aos que nasceram entre meados dos anos 90 do século passado e a primeira década do século XXI. É, portanto, a primeira geração do século XXI. De acordo com Neto (2010, p. 14)

‘Esta geração Z é composta por indivíduos que nasceram a partir de 1993 (...) e os indivíduos a ela pertencentes (...) são aqueles do mundo virtual: internet, videogames, baixar filmes e músicas da internet, redes sociais, etc. A tendência é que estejam com o fone nos ouvidos a todo instante, ao mesmo tempo em que estão realizando outras atividades e assistindo Tv. Por isso, alguns chamam esta geração de “geração silenciosa”. Rápidos e ágeis com os computadores, têm dificuldades com as estruturas escolares tradicionais e, muitas vezes, com os relacionamentos interpessoais, uma vez que a comunicação verbal é dificultada pelas tecnologias presentes a todo o momento. Ainda não é muito claro como vão lidar com o emprego e com as especializações que até agora vêm se mantendo na sociedade. Embora a caracterização acima não seja perfeita, pelos motivos anteriormente apontados, ela ajuda a pensar os problemas que enfrentamos em sala de aula no encontro de gerações.

(...)

É muito comum receber alunos egressos do ensino médio que afirmam, sem nenhum pudor, nunca terem lido um livro. Isso não significa que eles são “burros”, preguiçosos ou menos inteligentes que indivíduos das gerações anteriores, nas quais a cultura era baseada na leitura e na escrita tradicionais. Alguns desses alunos são incrivelmente inteligentes e, apesar de uma grande dificuldade, quase incapacidade, para se expressarem em linguagem escrita, podem criar coisas fabulosas usando música, imagem, desenho; enfim, linguagem multimídia.’

Ou seja, é a geração que corresponde à idealização e nascimento da *World Wide Web*, criada em 1990, portanto, reporta-se a quem nasce a partir de 1991, um período em que também se assiste à eclosão de aparelhos tecnológicos (de 1993 a 2010). Estes jovens nunca consultam uma enciclopédia, pelo menos tal como a conhecemos, para fazer uma

pesquisa para a escola, excepto, talvez, a Wikipédia. ‘Googlar’, isto é, procurar no motor de pesquisa mais usado – o Google – é a forma mais utilizada por eles para procurar informação. Nasceram em plena eclosão das tecnologias, usam todo o tipo de software com destreza como se tivessem um chip inserido no cérebro. Desconhecem a vida antes da internet, das redes sociais, dos *smartphones*, *notebooks*, *iPhones*, *iPads* e *e-books*. E já são um grupo suficientemente expressivo para despertar o interesse dos departamentos de marketing e agências publicitárias, que percebem que este público não se impressiona facilmente com as tradicionais táticas de publicidade, pois lidam com uma nova forma de marketing, mais eficiente: o *self-defining endorsement*, ou seja, o mágico botãozinho do *like* presente em boa parte das redes sociais. É a geração a que chamaremos *touchscreen*. A grande nuance dessa geração é fazer *zapping* (mudar constantemente de canal), não apenas entre canais de televisão, mas também na internet, nos videojogos, no telefone e MP4. Uma expressão utilizada para designar essas pessoas é a de ‘nativos digitais’(Palfrey & Gasser, 2008) sempre preocupados com a conectividade permanente. A sua forma de pensar foi influenciada, desde o berço, pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou. Um mundo que se visualiza como desprovido de fronteiras geográficas. Muito mais de que seus pais, sentem-se à vontade ao ligar simultaneamente a televisão, o rádio, o telefone, a música e a internet.



Figura 2- Redes sociais e TIC invadem cérebro<sup>1</sup>

Como a figura ilustra, o cérebro dos elementos desta geração funciona em rede, ou, melhor dizendo, apoiado em redes sociais, em contacto com dispositivos digitais. Para eles, a díade globalização/glocalização não é um valor adquirido a meio da vida a um custo elevado; já nasceram neste meio, faz parte da sua forma de ser e estar no mundo.

---

<sup>1</sup> Créditos: Mariana Patela, que desenhou a nosso pedido.

Aprenderam a conviver com ela já na infância. A informação está à distância de um clique, acedem-lhe muito mais facilmente do que os mais velhos.

O mundo desta geração é tecnológico e virtual e nele vivem o seu quotidiano. Para eles, é inimaginável um mundo sem internet, telemóveis, computadores, *iPods*, videojogos com gráficos exuberantes, televisores e vídeos em alta definição e as constantes novidades neste ramo. O seu dia-a-dia é bombardeado de múltipla informação, e têm acesso a tudo o que acontece em tempo real.

Além das questões afectivas e sociais, surge outra grande diferença: enquanto as gerações anteriores tinham de sair em busca de informação, o desafio que se apresenta à *Geração Z* é de outra natureza, uma vez que estes jovens precisam de aprender a seleccionar, a hierarquizar, a distinguir facto de opinião, separar o essencial do acessório, desenvolver uma perspectiva crítica da informação encontrada à distância de um clique, onde qualquer um pode escrever o que muito bem entender. É interessante mostrar a uma turma como a Wikipedia, onde, de acordo com a nossa experiência, os alunos pesquisam praticamente tudo, confiando ingenuamente na sua credibilidade, é um software colaborativo fortemente relacionado com o conceito de *crowdsourcing*, ou seja, com o processo de obtenção de conteúdo necessários a partir da colaboração e contribuição de um grupo variado de pessoas, cujo princípio é permitir que qualquer entrada possa ser editada pelos utilizadores que por ele navegam, o que permite corrigir erros, complementar ideias e inserir novas informações ao longo do tempo, mas também vandalizar, inserindo informações falsas. Sendo embora o espírito desta ferramenta muito nobre, por permitir que cada página possa ser editada por alguém com conhecimentos mais profundos, o certo é que qualquer pessoa pode manipular a informação a seu belo grado. Abrir uma página da Wikipédia com os alunos e mostrar-lhes como é fácil modificar e adulterar informação pode ser o primeiro passo para os levar a compreender o quanto é importante desenvolver competências ao nível da seriação e interpretação crítica das fontes electrónicas.

Mas se a vida no mundo virtual é fácil e bem-sucedida, muitas vezes a vida real é prejudicada pelo pouco desenvolvimento de competências nas relações interpessoais. Talvez daí venha o fascínio dos jovens por jogos fantasiosos como *Second Life*, onde podem ser o que quiserem, sem censura ou reprimenda: podem viver virtualmente aquilo que a realidade não permite. Talvez precisamente por isso muitos deles revelem falta de expressividade na comunicação verbal, associada por outro lado a uma quase incapacidade, indisponibilidade para ser ouvinte, o que acaba por causar diversos

problemas, principalmente com a *Geração Y*, anterior à sua. É também por essa razão que há quem chame ‘Geração Silenciosa’ à *Geração Z* – a não confundir com a Geração Silenciosa que se refere ao grupo de pessoas nascidas entre as duas Guerras Mundiais do século passado, talvez pelo facto de estarem sempre de *headphones* no ouvido, escutarem pouco e falarem menos ainda, aparentando uma espécie de autismo, revelando tendência para o egocentrismo.

E a esta aparência contrapõe-se, com frequência, rapidez de pensamento, se bem que com alguma dificuldade na linearidade, o que, se por um lado pode ser vantajoso em determinadas áreas, noutras, que exigem mais concentração, pode trazer algumas dificuldades. Uma outra característica é a de noção de efemeridade: a rapidez com que os avanços tecnológicos se apresentam actualmente acabaram por condicionar os jovens a deixar, de acordo com o que constatamos à nossa volta, de dar valor às coisas rapidamente. Ou melhor, rapidamente um objecto electrónico, como um videojogo, um computador ou um telemóvel se torna, numa perspectiva consumista, obsoleto. Além disso, em termos de intervenção social e política, a actuação destes jovens pode tornar-se preocupante, na medida em que a infindável quantidade de itens tecnológicos e de informações supérfluas e desnecessárias acabam por distrair a sua mente, contribuindo em larga escala para formar cidadãos alheios à vida política, eventualmente à vida familiar e social – já que é comum vermos imagens de almoços de família ou de amigos em que cada um se dedica apenas ao seu *smartphone* – e religiosa. Mas felizmente o oposto é também possível: tal panóplia de informação pode levar muitos jovens a interessar-se pelo mundo que os rodeia, pelo seu próximo, e a intervir, agir, tornando-se adultos responsáveis e com elevados valores sociais.

Lembremos a quantidade de petições *online*, de denúncias de violação de direitos humanos que circulam nas redes sociais e que são rapidamente partilhadas, tornando a pena de morte de determinada pessoa do outro lado do planeta, outrora um facto distante, numa realidade mais próxima, redundantemente mais ‘real’, que apela à intervenção efectiva, nem que seja através da simples denúncia. Pensemos no impacto que teve o vídeo do jovem vendedor ambulante tunisiano Mohamed Buazizi que se imolou, incendiando o próprio corpo, em Dezembro de 2010, quando foi proibido de trabalhar, e que desencadeou logo depois a chamada ‘Primavera Árabe’.

No fundo, trata-se de uma geração constituída por indivíduos constantemente conectados através de dispositivos portáteis, com uma nova noção de partilha e de propriedade artística e intelectual. É, juntamente com a *Geração Y*, a geração com a qual

o professor do século XXI se confronta. Aquela em que, com o advento da rede internet, se assiste a uma ruptura, iniciada com a TV e agora consolidada, em que

‘a linearidade textual pode vir a tornar-se um mito. As crianças e jovens (Y e Z) navegam na rede livremente, seduzidas por sua estrutura, que é uma metáfora de nosso pensamento fluido e não-linear. Por isso é tão doloroso para muitos jovens, hoje, a leitura de um livro. Ela é limitada, engessada, não faz hiperlinks diretos. Por exemplo, imaginemos um jovem que está lendo o capítulo de um livro no qual em um parágrafo lê sobre o suicídio de baleias. O jovem quer saber mais sobre o tema, mas o livro não lhe dá a possibilidade do link direto. A internet, sim. Em menos de um minuto, ele não só saberá muito sobre o tema, como poderá ver as imagens e ouvir os sons de muitos casos desses suicídios em um site como o Youtube, e daí poderá dar novos saltos. E, note-se, muitas vezes não retornando ao assunto/ tema inicial de sua pesquisa/navegação. Além dessa questão central dos processos de percepção mais sinestésicos (hipermidiáticos), que rompem com a tradição do educar baseado no texto e na oralidade – grande choque de gerações –, os jovens, e também as crianças, sofrem ainda com outros problemas. O mais gritante é o da aceleração dos processos tecnológicos em todos os campos e a dificuldade para selecionar informação útil, adequada e significativa, num oceano ilimitado de fluxos informacionais diários’.

(Neto, 2010, pp. 14-15)

Questionamo-nos, então, constantemente, sob a forma de motivar os alunos que recebemos para a leituras das obras literárias que constam dos programas curriculares. Entendemos o quanto o processo lhes parece arcaico e pouco interativo, o que nos faz procurar formas de envolvimento.

#### **1.2.4. A Geração Alpha**

A geração seguinte, a de pessoas nascidas a partir de 2010, cujas características precisas ainda não estão claramente definidas, tem já um nome proposto nos fóruns e blogues de sociologia e marketing<sup>2</sup>: *Geração Alpha*. Esta próxima geração tanto pode ser

---

<sup>2</sup> Exemplo(s) de blogues que propõem o termo ‘Geração Alpha’: <http://www.news.com.au/babies-born-from-2010-to-form-generation-alpha/story-e6frfl49-1225797766713>; (acedido em 06/06/2015);

constituída por filhos da *Geração Y* como pelos da *Geração Z*. A única certeza é que viverão num mundo conectado em rede.

Uma coisa é certa: os jovens de hoje têm vivências, apetências e formas de pensar e de aprender muito diferentes das gerações anteriores. É certo que existiu sempre evolução entre gerações, mas parece-nos que, agora, as mudanças ocorrem a um ritmo mais acelerado. Não podemos ignorar os perfis.

## **2- Qual a importância do conhecimento destes perfis? Que implicações no ensino?**

Acreditamos que a resposta aos problemas que surgem devido à massificação do ensino passa pela constante atenção aos perfis de cada aluno. Ainda que esta análise das diversas gerações possa parecer um contributo para ‘mais do mesmo’, isto é, para perpetuar um modelo de ensino destinado a um grupo supostamente homogéneo, logo, uniformizado, na verdade a nossa pesquisa teve por objectivo tentar compreender o público com o qual nos fomos, vamos e iremos confrontando enquanto docente. Antes de atentarmos a cada um, parece-nos pertinente tentar compreender os traços comuns mais relevantes do público a quem se destina a nossa *praxis*, abstraindo-nos de (pre)conceitos relativos à sua forma de pensar e de apr(e)ender. O conhecimento dos principais traços das gerações mais recentes conduz-nos, então, à busca de teorias educativas que permitam ir ao encontro dos perfis e dos estilos de aprendizagem genéricos dos alunos da actualidade. Esta busca conduz-nos a duas teorias com as quais nos identificamos: o Conectivismo e o B-Learning.

### **2.1 - O Conectivismo – a importância das redes para a Educação**

Siemens (2004) descreve o Conectivismo como a integração de princípios explorados pelo caos: a rede e a complexidade, e as teorias que se organizam por si só. Nutrir e manter conexões é fundamental para facilitar a aprendizagem. O facto de fazer opções e de tomar decisões torna-se, por si só, um processo de aprendizagem. A sua visão da aprendizagem assenta em vários pilares:

- é um processo que permite conectar nós especializados ou fontes de informação;
- pode residir em dispositivos não humanos;

---

<http://www.ifd.com.br/marketing/geracao-x-geracao-y-geracao-z/>; (acedido em 06/06/2015);  
<http://www.negociosecarreiras.com.br/2013/07/baby-boomers-x-y-z-alpha-os-conflitos-de-geracoes/> (acedido em 06/06/2015)



- a capacidade de aumentar e aprimorar o conhecimento adquire maior importância do que aquilo que se sabe num determinado momento, numa perspectiva de ALV;
- aprendizagem e conhecimento apoiam-se numa diversidade de opiniões, não havendo propriamente dogmas.

Stephen Downes (2007) deu um contributo importante para a fundamentação desta nova teoria, enriquecendo-a, acrescentando a noção de conhecimento distribuído, ou conectivo, aos conhecimentos qualitativo e quantitativo. Para Downes, o Conectivismo baseia-se na distribuição de conhecimento por uma rede de conexões, estando o foco da aprendizagem na agilidade de construir e conectar essas ligações; ao afirmar que “in connectivism, there is no real concept of transferring knowledge, making knowledge, or building knowledge” (Idem, Ibidem), o autor considera que não existe uma noção de construção ou transferência de conhecimento, que este não é adquirido fisicamente, com base na linguagem e lógica.

## **2.2. - Blended learning [b-learning] – que reptos para o ensino-aprendizagem?**

Se as crises educacionais, juntamente com as crises do conhecimento, têm vindo a fazer-se sentir no último meio século, impõe-se então, hoje em dia, um novo paradigma que revolucione os conceitos existentes, que contribua para trazer soluções para os problemas, aos quais não tem sido possível dar resposta (Barr, 1995). Temos vindo a defender esta ideia, profusamente divulgada na literatura educacional, mas não esquecemos que a mudança de paradigmas ocorre a um ritmo lento, com avanços e recuos, já que, por exemplo, os próprios professores foram formados no velho paradigma. É uma questão de resistência à inovação. Será este um dos motivos que nos leva a propor uma alternativa que possa ser, de certa forma, gradual, sempre com vista à mudança global. Constatamos, pois, que “informar e comunicar permanecem no coração da actividade educativa. Dificilmente, a educação pode permanecer indiferente ao ritmo impressionante a que progridem as TIC” (Carneiro, 2001, p. 172).

Propomos, então, o B-learning, isto é, a formação mista, que ocorre sempre que o professor combina as duas abordagens a que a educação recorre – presencial e a distância – numa combinação de múltiplas abordagens, através do recurso a ambientes mistos:

“Blended learning is the effective combination of different modes of delivery, models of teaching and styles of learning” (Procter, 2003, p. 3). Um exemplo muito prático desta combinação é o recurso a conteúdos digitais durante sessões presenciais. Aos poucos, esta

combinação permite a alunos e professores caminhar no sentido proposto por uma nova percepção/representação, que assenta na experimentação expressiva/comunicativa, gerando sistemas virtuais, (re)definindo novas flexibilidades, versatilidades organizativas, variedades e potencialidades metodológicas que se expressam numa mais ampla criatividade.

A competência para aprender a aprender permite ao aluno identificar objectivos, desenvolver habilidades para poder conduzir o seu próprio processo de aprendizagem, de forma autónoma e eficaz. Neste contexto, cremos que as redes sociais podem representar um valor acrescentado na educação, na medida em que os novos tempos exigem aprendizagens caracterizadas por um sistema de interacções entre comunidades, através de bases tecnológicas, com indivíduos capazes de colaborar proactivamente. Trata-se de ambientes activos e culturalmente ricos, muito mais do que os que se encontram, tradicionalmente, no meio escolar. Não queremos com esta ideia propor uma substituição da escola pelos media: apenas sublinhar que o recurso estratégico aos novos meios de comunicação digital se afigura como um complemento precioso. Um meio onde a aprendizagem é colaborativa, em grupo, através da interacção entre os intervenientes, presencialmente ou *online* (B-learning), através da discussão, reflexão e partilha de informação em torno de determinado tema. Deste modo, as dúvidas esbatem-se progressivamente, num processo de aprendizagem colectiva promotora, também, da construção do conhecimento individual, da aprendizagem. É aqui, cremos, que o papel do docente de língua materna se reveste de suma importância.

### **3 – Reflexão final**

Do estudo das gerações da actualidade e dos princípios subjacentes ao Conectivismo e ao B-Learning, pensamos poder afirmar que, hoje em dia, a tecnologia digital pode ser aproveitada de forma criativa e inovadora. A aprendizagem de temas relacionados com a Linguagem, a Geografia, a História, as Ciências, entre outras disciplinas, pode assumir uma nova dimensão, tornando-se contextualizada e contextualizadora na/da experiência de vida e nos/dos interesses dos alunos, fazendo realmente sentido para eles, para o seu percurso escolar, familiar e mesmo social. Porque acreditamos que “[s]er bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estar interessados; a não se lembrarem de que lá fora é melhor” (Gama, 1986, p. 14). Compete ao professor, por conseguinte, envolver o aluno na procura do mesmo, na sua selecção e apreensão em qualquer contexto, ao longo da vida.

## Bibliografia

- BARR, R. (1995). From teaching to learning: A new reality for community colleges. In *Leadership Abstracts*, 8. League for Innovation in the Community College.
- BOSCHI, L. (2013). *Os traços da escrita da geração Y*. Disponível em RH.com.br: <http://www.rh.com.br/Portal/Mudanca/Artigo/8846/os-tracos-da-escrita-da-geracao-y.html>, consultado em 23.10.2014
- CARNEIRO, R. (2001). Fundamentos de Educação e da Aprendizagem. In *21 ensaios para o século XXI* (pp. 11-18). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- CARNEIRO, R. (2004). Aprender e educar no Século XXI. *RBPAE*. 21 (2005), pp. 11-31. Brasília: Universidade Católica.
- CARNEIRO, R. (2008). A Educação Intercultural. In A. T. M. F. Lages, *Portugal: percursos de interculturalidade: Desafios à identidade* (pp. 49-120). Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- CASTELLS, M. (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede. Vol. I*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. .
- DELORS, J. (1998). *Educação: um tesouro a descobrir -Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Comissão Internacional de Educação para a UNESCO.
- DOWNES, S. (2007, 03-Fev.). *What Connectivism Is*. Disponível em Half an Hour: <http://halfanhour.blogspot.pt/2007/02/what-connectivism-is.html>, consultado em 22.06.2013
- DUBET, F. (2011, Maio-Ago.). *Mutações cruzadas: a cidadania e a escola*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a02.pdf>, consultado em 08.07.2014
- ENGELMANN, D. (2009). *O Futuro da Gestão de Pessoas: como lidaremos com a geração*. Disponível em rh.com.br: <http://www.rh.com.br/Portal/Mudanca/Artigo/4696/o-futuro-da-gestao-de-pessoas-como-lidaremos-com-a-geracao-y.html>, consultado em 23.10.2013
- FERREIRA, J. (2003). *Mutações Sociais e Novas Tecnologias: O potencial radical da Web*. ubi: bocc.
- GAMA, S. (1986). *Diário*. Lisboa: Ática.
- GARDNER, H. (1993). *Frames of mind*. New York: Basic Books.

- HOWE, N.; STRAUSS, W. (2000). *Millennials Rising: The Next Great Generation*. Vintage Books.
- JAEGER, W. (1995). *Paideia, A Formação do Homem Grego*. S. Paulo : Livraria Martins Fontes Editora.
- NETO, E. e. (2010). Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. *Revista de Educação do COGEiME – Ano 19 – n. 36*, pp. 9-25.
- PALFREY, J.; GASSER, U. (2008). *Born Digital: Understanding the First Generation of Digital Natives*. New York: Basic Books.
- PROCTER, C. (2003). *Blended Learning in Practice*. Salford.: University of Salford.
- ROBERTSON, R. (1994). Globalisation or Glocalisation. *Journal of International Communication, 1*, pp. 33-52.
- ROLLOT, O. (2012). *La Génération Y*. P.U.F.
- SANTOS, C., ARINTE, M., DINIZ, M.; DOVIGO, A. (2011). *O processo evolutivo entre as gerações X, Y e Baby Boomers*. São Paulo, Brasil: Semead - Fac. Ec. Admin.
- SIEMENS, G. (2004). *Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age*. Disponível em Elearnspace: <http://www.elearnpace.org/Articles/connectivism.htm>, consultado em 20.06.2013
- TOFFLER, A. (1995). *Criando uma nova civilização: a política da terceira onda*. Rio de Janeiro: Record.
- WILLETTS, D. (2011). *The Pinch: How the Baby Boomers Took Their Children's Future - And Why They Should Give it Back*. Atlantic Books.